

J. FERNANDES MASCARENHAS
SÓCIO DO INSTITUTO DE COIMBRA

A Arte Gótica no Algarve

Uma imagem da Virgem e uma cruz
da igreja de Santo Estêvão de Tavira

Separata do jornal
«POVO ALGARVIO»

1954

Por terras do Algarve
Ensaio de História e Arqueologia

DO AUTOR:

Aspectos da Revolução Nacional — 1937.

A Casa do Algarve em Lisboa — 1938.

Da Origem e Evolução das Armas Nacionais: sua crítica — 1941.

O que os documentos nos dizem sobre alguns aspectos económicos do Algarve no século XVIII — 1942.

Nicho e Capela de S. Gonçalo de Lagos (Relatório sobre a sua restauração) — 1943.

No Rumo da Educação — 1944.

A luta contra os franceses em Olhão à luz de novos documentos — 1950.

Por terras do Algarve — Ensaio de História e Arqueologia:

D. Maria da Graça Pessanha e a Capela da Farrobeira — 1952.

A Arte Gótica no Algarve — Uma imagem da Virgem e uma cruz da igreja de Santo Estêvão de Tavira — 1954.



**Fig. 1 — Nossa Senhora
da Graça**

VISITANDO ultimamente a aldeia de Santo Estêvão de Tavira, terra de gente hospitaleira e trabalhadora, situada numa bela zona do Algarve, estivemos na sua igreja paroquial, não só para apreciar a arquitectura como as imagens e alfaias do culto.

O templo de Santo Estêvão é do século XVII com transformações dos séculos seguintes.

O altar-mor onde se ergue, num nicho central sobrepujado pelo *crisma*, monograma de Jesus Cristo, a imagem do glorioso pró-mártir Santo Estêvão, é em talha do mesmo século com alguns dourados. Encima-o a data de 1689.

Pelo corpo do templo outras capelas existem, entre as quais uma dedicada a Nossa Senhora do Rosário e outra a S. José (duas boas imagens em madeira).

Embora modesto, o templo de Santo Estêvão é airoso e acolhedor. Impressionaram-nos, sobretudo, as seguintes peças: uma cruz paroquial e uma imagem de Nossa Senhora da Graça que está sobre uma misula da capela-mor, do lado do Evangelho.

A cruz paroquial, na forma da cruz floreada de Avis, é em latão, de aspecto muito antigo e nitidamente gótica.

Pela raridade deste género de cruzes no Algarve e, ainda, pela sua feitura (fig. 1), bem merece ser guardada com todo o interesse e carinho.

Quanto à imagem de Nossa Senhora, trata-se de uma escultura gótica, cheia de graciosidade. Ou não fosse ela de Nossa Senhora da Graça!

É em madeira policromada, de 0,^m43 de altura. A Senhora está de pé com a perna esquerda flectida, dando lugar à formação de longas pregas nas roupagens que a revestem, designadamente no manto azul) com estrelas douradas) que lhe cobre a cabeça. O rosto é o de uma jovem, ingénua e toda pureza. Na mão esquerda segura um cacho de uvas, também douradas, e sobre o braço direito o Menino Jesus que, ao invés

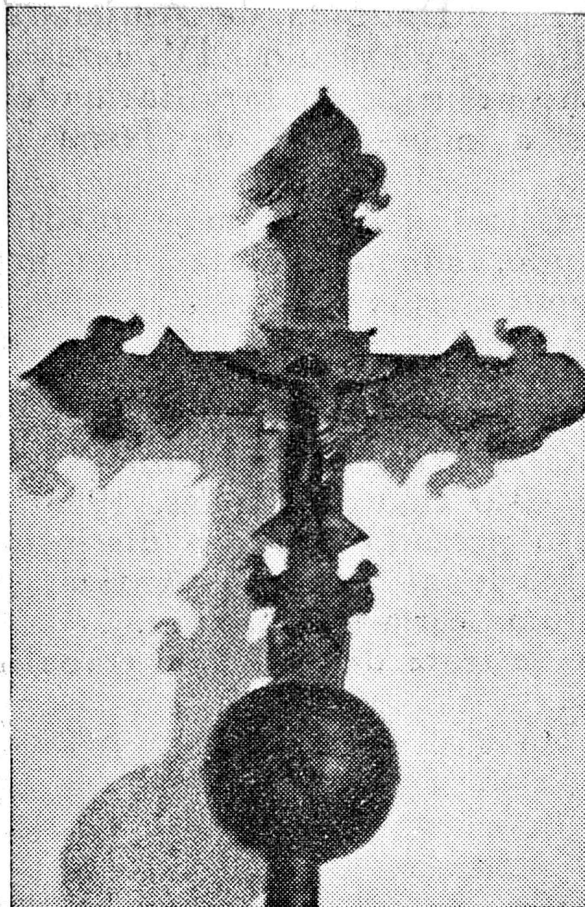


Fig. 2 — Cruz paroquial

das figurações do século XII — «gravemente enroupado e ocupado em gestos solenes» ⁽¹⁾ —, apresenta-se desnudado e como que a querer beijar Nossa Senhora ou escutar a sua voz (fig. 2).

Como escreve o Prof. Virgílio Correia, ao tratar da imaginária gótica referente à Virgem, «foi o século XIII francês que inventou esta rainha graciosa, fina, jovial, sorridente para o filho, de que a Virgem Dourada de Amiens é o tipo monumental mais perfeito» ⁽²⁾ e no século XIV, acrescenta, o grupo da Virgem e o Menino progride em familiaridade». «Santa Maria é cada vez mais a mãe — mãe de Jesus e mãe dos homens» ⁽³⁾.

Pelas características da imagem e razões apontadas no decurso deste estudo, supomos datar dos princípios do século XV, assim como a cruz.

Por outro lado, comparando-a com uma outra em pedra Anã, da escola de Coimbra, que ilustra um artigo também do consagrado Prof. Virgílio Correia, sob o título «Virgens Góticas», inserto no *Boletim da Academia Nacional das Belas-Artes*, n.º VI de 1940 (figura 3, págs. 19 a 28) que nos foi indicado pelo nosso prezado amigo e distinto pintor de restauro do Museu Nacional de Arte Antiga, sr. Afonso dos Santos, verifica-se uma certa semelhança.

É possível que se trate de mais um trabalho dessa célebre escola de escultura.

* * *

Por a imagem de Nossa Senhora se encontrar um pouco danificada, quer a cabecita, quer os pés do Menino Jesus que estão mutilados, mãos devotas cobriram-na com um manto de seda azul que a ninguém faz supor tratar-se duma escultura desta categoria artística. Nós mesmo, apesar de gostarmos de verificar tudo na minúcia e, portanto, sem pressas, talvez que não tivéssemos dado por ela se não nos chamasse a atenção o facto de nos terem indicado como sendo

(1) *Obras — Estudos de História da Arte — Architectura* (Acta Universitatis Conimbrigensis), aut. cit., vol. II, Coimbra, 1949, pág. 150.

(2) *Idem*, pág. cit.

(3) *Idem*, pág. cit.

a imagem de Nossa Senhora da Graça, a padroeira da nossa terra natal.

Logo, porém, que esse santo nome foi pronunciado pelas meninas que tiveram a gentileza de nos mostrar o templo, imediatamente fizemos retirar a imagem do altar e tirar-lhe o manto, pois havia em nós qualquer pressentimento estranho que não nos enganou.

É que há muitos anos procuramos a imagem de Santa Maria da Graça que já anteriormente a 1453 era venerada em Moncarapacho, quando nessa aldeia existia a pequena igreja gótica da sua invocação que, duas vezes pelo menos transformada, deu lugar ao formoso e grande templo que hoje possui.

O que teriam feito a essa imagem? Era a nossa interrogação desde há anos. Tê-la-iam destruído quando mandaram fazer a que presentemente tem a igreja de Moncarapacho, de grandes proporções e toda estufada a ouro?

A hipótese de terem destruído a primitiva imagem era pouco de crer, tratando-se duma verdadeira relíquia, venerada durante séculos por muitas gerações. Todavia, podia muito bem ter-se dado esse caso, por barbaridades semelhantes terem sido praticadas em vários pontos do País.

Por outro lado, como muitas vezes se usa oferecer certas imagens a igrejas mais pobres e até algumas alfaias do culto é também de admitir que não podendo existir duas imagens de idêntica invocação, expostas na mesma igreja, a tivessem oferecido à de Santo Estêvão de Tavira. E nem só a imagem como a própria cruz gótica, pois não é de crer que para um templo construído no século XVII, fosse feita uma imagem gótica e uma cruz no mesmo estilo. De mais a mais, com a antiguidade que as mesmas revelam, em contraste flagrante com o restante que o mesmo templo possui!

Além disso, na visita feita a Moncarapacho, em 26 de Junho de 1733, pelo bispo de Nankim, D. António Pais Godinho, do conselho de Sua Majestade e visitador ordinário de todo o bispado, pelo cardeal Pereira de Lacerda, escrevem-se a propósito da imagem de Nossa Senhora da Graça as seguintes passagens:

«Achamos que a Imagem de Nossa Senhora da Graça Padroeira e orago desta Paroquial Igreja está menos decente assim pela escultura antiga, como por algumas mutilações, e pequenez da Imagem, sendo que é necessário que cause devoção aos católicos. Mandamos que para culto da mesma Senhora e fervor dos corações dos fiéis se faça outra Imagem nova e maior,

e de melhor escultura para nela ser venerada a mesma Senhora»⁽¹⁾.

Porém, como a imagem em 29 de Setembro de 1738 (o ano em que faleceu o cardeal Pereira de Lacerda, bispo do Algarve) não tivesse ainda sido retirada, torna-se a insistir pela sua substituição. Desta vez é o arcediogo da Sé de Faro, Francisco Lobo Pessanha, visitador e juiz dos resíduos, pelo cabido, sede vacante, sendo prior de Moncarapacho o Rev. Francisco Lopes Coelho.

«Achei que se não tem executado (diz o arcediogo Lobo Pessanha) a visita do Ilustríssimo Bispo de Nankim visitador que foi deste Bispado ordenou se fizesse Imagem nova de Nossa Senhora da Graça, mando se observe, execute com toda a brevidade pela indecência, e antiguidade da sua escultura»⁽²⁾.

Finalmente a imagem primitiva foi substituída, mas não se encontra qualquer referência especial para onde teria ido. Não sendo no entanto para estranhar, pois, com certeza a substituição deveria ter suscitado certo escândalo entre os crentes, a avaliar com o que se tem passado em casos idênticos.

No caso da imagem de Santa Maria da Graça havia certamente o interesse que não se soubesse o seu paradeiro e o certo é que por esse ou outro motivo, pouco culto existe em Moncarapacho pela sua Padroeira, a contrastar com o que existia noutros tempos, de que é testemunho a série de dádivas valiosas feitas a Nossa Senhora da Graça pelos moncarapachenses e até por pessoas de fora da freguesia. Hoje o grande culto dessa aldeia é por Nossa Senhora do Pé da Cruz, imagem de admirável beleza, como poucas haverá em toda a diocese do Algarve.

Quanto pròpriamente à imagem de Nossa Senhora da Graça que hoje se venera na igreja paroquial de Moncarapacho fica, desta forma, provado não se tratar da primitiva. É uma escultura de data posterior a 29 de Setembro de 1738, mas do século XVIII, o que, aliás, à primeira vista se vê, mesmo sem a existência de quaisquer documentos comprovativos.

Por tudo o que afirmamos, supomos tratar-se da imagem de Santa Maria da Graça de Moncarapacho e, na primeira oportunidade, procuraremos descobrir qualquer documento onde o facto venha revelado.

(1) *Livro de visitas pastorais de Moncarapacho, o mais antigo* (sem número), folhas 51.

(2) *Idem*, folhas 53.

Mas seja como for, o achado é muito valioso e a bela imagem gótica tenha que origem tiver, deve ser conservada como uma verdadeira relíquia da igreja de Santo Estêvão que não convém que a submetam a qualquer restauro, pelos riscos que semelhante trabalho correria.

Além destas interessantes peças góticas, tem ainda a igreja de Santo Estêvão uma imagem de S. Macário, pequena escultura com roupagens e ornatos do século XVII, bem trabalhada e cheia de expressão artística. E na sacristia, um bom arcaz em madeira escura com ornatos renascentistas, que data certamente da construção do templo, sobre o qual os sacerdotes se paramentam.

Lisboa, Ano Marial de 1954.

Bibliografia consultada além dos trabalhos do Prof. Virgílio Correia: *Estatuária Lapidar no Museu Machado de Castro*, A. Gonçalves, Coimbra, 1923; *Mobilier, Vases, objets et vêtements liturgiques — Étude Historique*, par L'Abbé D. Duret, Paris, 1932; *Elementos de arqueologia e belas artes*, pelo Cônego Manuel de Aguiar Barreiros e *Corografia do Reino do Algarve*, por João Baptista Lopes.

Observação — Para facilidade de composição tipográfica, desdobramos todas as abreviaturas dos documentos inéditos que transcrevemos, pondo-os ao mesmo tempo em ortografia corrente.

Composto e impresso na
Tipografia «POVO ALGARVIO»
TAVIRA